

«A ENFERMIDADE
REPUBLICANA»

Raul Pilla

AFIRMEI estarmos assistindo à crise final do regime. Afirmação gravíssima, com a qual concorda «O Estado de São Paulo». Aí cessa, porém, o nosso acôrdo. Convimos no diagnóstico, não porém, na etiologia e no prognóstico.

Para mim, e para muita gente de maior autoridade que eu, a origem do mal reside no presidencialismo, com o seu governo imperfeitamente democrático e praticamente irresponsável. Esta é a causa da constante degradação da vida pública brasileira. Para o grande órgão da nossa imprensa, o mal está nos homens. «Pouco lucraríamos, para a restauração moral do país, se é que alguma coisa lucraríamos — diz ele — se trocássemos o presidencialismo pelo parlamentarismo. Os homens continuariam a ser os mesmos e da massa dos eleitores atuais é que sairiam os eleitos de amanhã».

Não se poderia ser mais pessimista. O regime chegou ao fim, mas não foi ele que morreu, senão que o mataram os homens. «Com os homens que temos — explica o jornal — com a falta de educação das massas e, mesmo, das classes mais elevadas, a troca de um regime pelo outro, do presidencialismo pelo parlamentarismo, não mudaria o aspecto geral da nossa vida pública».

Eu sou pessimista, pois proclamo a falência do regime; mas no meu negro pessimismo luz ainda uma esperança — a substituição do regime. Para «O Estado de São Paulo» não pode haver esperança: a mudança do regime não adiantaria nada e os homens são o que são e estragariam qualquer regime. «Lasciate ogni speranza», parece ele dizer-nos com o vate florentino...

Devo consignar, porém, não ser absoluto o pessimismo do grande jornal. A etiologia que él nos dá do mal ainda admittia alguma esperança. A origem da «enfermidade republicana» como éle a chama, não é o presidencialismo. «As causas da anormalidade em que vivemos — explica — remontam à ditadura, que se esmerou na dilapidação das nossas tradições políticas para que fôsse possível a perpetuidade de um caudilho no poder».

Portanto, cessada a causa (lícito é concluir) hão-de ir-se dissipando os efeitos. Succede, porém, que tal causa deixou de existir há bons dez anos e os seus efeitos não só persistem, mas também cada vez mais se vão agravando: prova evidente de que, se foi causa, não é causa exclusiva, nem, sequer, dominante.

Demais, e isto é decisivo, não data da Ditadura getuliana a «enfermidade republicana». Muito antes se manifestara ela. Os dois Cinco de Julho, a Revolução de 30, movimentos com que estêve solidário «O Estado de São Paulo», são disto uma prova. O mal vem, pois, de longe, instalou-se com o presidencialismo e, com a ditadura, forma grandemente virulenta dêste, apenas se exacerbou. E não cessa de agravar-se, porque a causa persiste.

Esta é, comprovadamente, a etiologia da «enfermidade republicana». A ditadura getuliana apenas lhe acelerou a evolução.